

A Narrativa, a Esmolação e o Emaranhado:

Um estudo a partir das comitivas de São Benedito de Bragança do Pará

Elcio Sant'Anna*

Resumo

Este artigo tem o propósito de discutir as configurações das narrativas de São Benedito de Bragança dentro do perfil apresentado a partir das comissões de esmoladores de São Benedito. Onde a final das contas, o que se percebe que histórias do Santo chegam dentro de um circuito que vem desde a zona rural bragantina. São histórias de promesseiros, contatadas por Encarregados de comitivas. Estes narradores de São Benedito, portadores de histórias, guardiões de uma tradição, sabedores da ladainha, zeladores das narrativas, e muitas vezes são os únicos “agentes religiosos” a chegarem as fronteira da fé bragantina. São histórias que fazem jus ao cotidiano dos grupos tradicionais da Amazônia, “transformacionais”, onde São Benedito está vivo e atuante junto ao seu povo.

Palavras-chave: 1. Narrativas; 2. Esmolações ; 3. Imagens ; 4. Itinerários.

Résumé

Cet article vise à discuter les paramètres des récits de Saint Benoît de Bragança à l'intérieur du profil présenté par les comités de esmoladores Saint Benoît. Où en fin de compte, ce que l'on se rend compte que les histoires de Saint arrivent dans un circuit qui vient de bragantina

* Graduado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2006-2007). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2005- 2007), Bolsista CNPQ (2005-2007). Doutor em Ciências Sociais com concentração em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (2012-2016), Bolsista Capes (2014-2016). Em 2017 é bolsista-pesquisador junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA) pelo Plano Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES.

campagne. Des histoires de promesseiros, contacté par les soignants des délégations. Ces narrateurs de Saint Benoît, transportant des histoires, des gardiens d'une tradition, conscients de la litanie, gardiens des récits. Sont de l'histoire ont droit à la vie quotidienne des groupes traditionnels de l'Amazone, de transformations, où Saint Benoît est bel et bien vivant, parmi son peuple.

Most-clés: 1. Narratifs; 2. Esmolações; 3. Images; 4. Itinéraires.

Eu vou com ele!!

Batista, Encarregado de São Benedito

Numa manhã de sexta feira, do mês de junho, em 2013, o Seu Careca falava de maneira que a sua voz ecoava no Salão de Teatro do Museu da Marujada de São Benedito de Bragança: “São estas histórias que os promesseiros contam para gente, os Encarregados passam para gente”. Depois de ter realizado várias investidas em relação à tentativa de identificar a “configuração das narrativas nas devoções e festividades¹ beneditinas de Bragança”, que se deram desde março de 2010, era a primeira vez que eu ouvia algo que parecia sugerir um circuito, um itinerário das narrativas, mostrando que havia necessidade de uma abordagem mais refinada².

Em oportunidades anteriores, este movimento não tinha logrado êxito. Já havia tentado saber quais histórias de São Benedito que as pessoas conheciam. E para minha surpresa poucos tinham tal conhecimento. Os devotos que contavam histórias de pessoas que receberam graças, mas estas ou lhes eram desconhecidas ou os fatos se davam em datas e localizações incertas. Já havia feito pesquisas com a população em mercados e praças, em meio às festividades na cidade de Bragança.

¹ Tenho diferenciado as devoções das festividades beneditinas de Bragança na medida que no campo tenho encontrado muitos bragantinos que, mesmo não sendo devotos, participam.

² BARNES, John A. Redes sociais e processo político. In: VVAA. **Antropologia das Sociedades contemporâneas**. Métodos. 2ª edição revista e ampliada. FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). São Paulo: UNESP, 2010, p. 173. John Barnes sugere que se utilize a ideia de redes sociais para se delinear o circuito de circulação de informações em um meio social não estruturado e a manutenção de valores e normas pela fofoca. Nesta mesma obra Barnes somente diferenciou o uso de *network* e *meshwork* no caso das malhas estreitas, p.185. Todavia, Tim Ingold tornou tal diferença abismal em “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. In: **Horizonte Antropológico**. [online]. vol.18, n.37, 2012, p.39, em oposição a Bruno Latour em “Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem”. In: **Reagregando o social**. Uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador\Bauru: Edufba\Edusc, 2012.

Nestas oportunidades tinha feito o uso de questionários de perguntas fechadas. E a estratégia pouco avançou. O que causou-me admiração foi o fato de que, do universo dos pesquisados, 40% se disseram devotos de São Benedito. Destes, 35% não souberam precisar qualquer episódio da vida de São Benedito³. Mas agora tinha encontrado uma pessoa que conhecia história de São Benedito e sabia dar a sua fonte.

Esta pesquisa fora intitulada de “A narrativa nas devoções e festividades beneditinas de Bragança”, desde o exame de seleção para o então Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFPA⁴. As Festividades de São Benedito na Zona Bragantina, no Nordeste do Pará, marcam de forma contundente o calendário da microrregião, determinando uma afluência de grande monta de fieis e foliões nos dias 18 a 26 de dezembro há mais de 215 anos. Segundo números informados pelos organizadores a festa, em 2013, contou com mais de 250 mil participantes.

Naquela oportunidade desejava dar maior ênfase ao seu núcleo narrativo, pensado a partir do mito fundador de São Benedito, ancorado em suas hagiografias e iconografias oficiais, tais como as apontadas por Sonia Cristina de A. Vieira que viu-se às voltas com duas tramas fundantes de São Benedito⁵. Mas também gostaria de valorizar o seu contraponto, como aqueles com traços do “imaginário mítico das

³Pesquisa realizada no mercado livre na cidade de Bragança, Pará, no dia 15/05/2010 envolvendo alunos da Disciplina *Religião na Amazônia*. O instrumento tratou de perguntas fechadas sobre “Cotidiano, festividades e Devoções Beneditinas na Cidade Bragança”. A pesquisa fora feita em uma outra oportunidade preliminar para a construção do objeto do estudo.

⁴ Hoje Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA.

⁵ VIEIRA, Sônia Cristina A. “*É um pessoal lá de Bragança...*”: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. 2008. 95f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais, concentração de Antropologia). Centro de Filosofia e Ciências Sociais – UFPA – Belém, p. 29-30.

populações católicas”⁶, obedecendo aos “ditames de uma recriação devocional popular”⁷ recepcionados pela interferência direta de um “*a priori* antropológico”⁸ que nunca se dá por consumo passivo, mas por atividade estética de negociação, aprovação e recusa⁹.

Àquela altura pensava que o problema se remeteria apenas ao fato de que a popularização da crença oficial obedeceria aos mesmos critérios acontecidos na recepção da literatura e da arte pictográfica. A recepção da iconografia e da hagiografia de São Benedito não podendo ser considerada “consumo passivo”, tratar-se-ia de uma re-elaboração em cima do mesmo universo simbólico.¹⁰ Assim seria importante considerar como acontece a “leitura das narrativas de São Bendito”¹¹ e “analisar” como a mudança da estrutura social provocou modificações no regime discursivo, ao se tornar “interpretação da interpretação, onde narrativa, história e etnografia que se unem”¹².

Tinha como certo a necessidade de perguntar se era realmente importante precisar se São Benedito era o “descendente de escravos vindos da Etiópia” para a Itália, que apanhava alimentos para levá-los aos necessitados ou se foi aquele que “ressuscitou uma criança que havia morrido asfixiada”. Estas narrativas conferem

⁶ MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995, p.184.

⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.203-204.

⁸ ROCHA, João Cezar C. Entre heurística e a hermenêutica: a reflexão de Wolfgang Iser como alternativa história literária. In: ROCHA, João Cezar C. (org.). **Teoria da ficção**. Indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p.13.

⁹ JAUSS, Hans Robert. Estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor**. Textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.80.

¹⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. Cit, p.202.

¹¹ Quando da exposição de sua Antropologia literária. Ver: ISER, Wolfgang. Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica. Em: ROCHA, João Cezar C. Op. Cit, p.20.

¹² SINDER, Valter. **Configurações da narrativa**. Verdade, literatura e etnografia. Madrid: Ibero americana\FRANKFURT: Veruert, 2002, p.16.

com as iconografias que circulam entre os devotos. Porém, também causam dissensão entre estes e agentes religiosos¹³. Segundo alguns, a Igreja afirmaria que a criança no colo de São Benedito tratar-se-ia do menino Jesus. Outros diriam que era um miraculado¹⁴. Quando fiz esta pergunta à dona Diquinha, maruja, neta de capitoa da Marujada de São Benedito de Bragança, obtive a seguinte resposta: “Eu não ouvi falar... sei que tem uma criança no colo... agora não sei se é... se é filho dele...”¹⁵.

Foi neste contexto que comecei a ouvir outras histórias do Santo que pareciam ser de grande importância, uma vez que eram bastante recorrentes. As histórias falavam que São Benedito havia dado graças, atendia pedidos mas, além disto, castigava por abusos e desrespeito¹⁶.

As histórias de São Benedito dariam conta de sua franca atividade em que o Santo, acionado pela fé na forma de pedidos e rezas, traria benesses, curas e endireitaria a vida dos fieis. Até aí nada de realmente curioso. Porém, comecei a ouvir histórias de que São Benedito também seria responsável por castigos e punições acontecidos. Pessoas que teriam sido ingratas ou desrespeitosas, um dos “mais graves pecados no âmbito da vida religiosa do caboclo amazônico”¹⁷.

A desaprovação do Santo nas narrativas que comecei a ter contato falava de que este até mesmo se envolvia pessoalmente nos castigos que aplicava sobre aqueles que não cumprem as promessas feitas. Era capaz até de mover-se de seu altar para tratar pessoalmente das atitudes inaceitáveis e dos agravos. Soube que até São Benedito tinha “queimado a cama de uma senhora, que não pagou sua promessa por

¹³ VIEIRA, Sônia Cristina A. Op. Cit. p. 28-31.

¹⁴ Esta versão me foi confirmada por João Nelson Magalhães (Padre e hoje Prefeito de Bragança), 43 anos, em um primeiro encontro em novembro de 2011.

¹⁵ DIQUINHA, Entrevista. Bragança, 15/05/2010.

¹⁶ Como também apontado em MAUÉS, Raymundo Heraldo. Op. Cit, p. 206-207.

¹⁷ GALVÃO, Eduardo. A vida religiosa do caboclo da Amazônia. In: **Boletim do Museu Nacional**. Série Antropologia, n°. 15, 1953. Disponível em: http://ppgasmuseunacional.web565.kinghost.net/Boletim_MN/Boletim%20do%20Museu%20Nacional%2015.pdf. Acessado em 13/09/2013, p. 4.

que era crente”¹⁸. Isso encaixa-se perfeitamente com o sistema cosmológico dos povos das microrregiões do Salgado percebido por Raymundo Heraldo Maués. Os santos poderiam sair de uma posição estática para deixarem seu altar, para atuarem dentro da cena cotidiana. Eles são capazes de mandar tempestade ou praga de formigas¹⁹. A relação ambígua dos devotos com São Benedito (veneração e jocosidade) levou-me a considerar que “o santo pode ser também tratado frequentemente como uma pessoa viva”. Deste modo, dependendo do humor do Santo, “este se vira no oratório”²⁰. É por isto que o povo diz: “não brinca com São Benedito por que ele é tihoso”²¹.

Foi aí que percebi que as narrativas que deveria levar em conta não eram aquelas associadas ao clero, que estavam debaixo de seu controle eclesiástico, mas sim aquelas que fazem menção as experiências vividas pelos promesseiros e devotos de São Benedito.

O seu Careca²² tinha me dito algo de grande importância: As narrativas de São Benedito se deslocam. Os promesseiros têm experiências com o Santo e contam suas histórias. Contam como São Benedito concede graças. Mas muitas destas histórias foram também presenciadas por aqueles que fazem parte das Comitivas de Esmolação. Os Encarregados das Comitivas de São Benedito, em suas viagens,

¹⁸ SANT’ANNA, Elcio. Aos olhos de São Benedito: Conto etnográfico como exercício de perspectivação. In: **Observatório da Religião**. Vol. I, no. 02, ago-dez. 2014, p. 56.

¹⁹ MAUÉS, Raymundo Heraldo. Op. Cit, p.170-171.

²⁰ Id. Ibidem, p.171-172.

²¹ SANT’ANNA, Elcio. Op. Cit, p. 49.

²² João Batista Pinheiro, presidente do Conselho Permanente da Marujada de São Benedito de Bragança. Conhece todas as pessoas-chave envolvidas em cada um dos elementos das devoções bragantinas.

conhecem muitas destas histórias. E as comitivas de esmolação são muito tradicionais no ciclo de São Benedito:

É um dos rituais mais antigos no processo histórico de constituição da devoção beneditina em Bragança, se inicia em meados do mês abril com a saída das Comitivas para o interior do município. Consiste na peregrinação de três imagens de São Benedito, que partem em comitiva em visitação a casa de fieis do meio rural. Essas visitas são feitas a pedido do próprio devoto que deseja pagar uma promessa por graças alcançadas. Além de receber a comitiva, o promesseiro pode oferecer-lhe donativos. O deslocamento das comitivas é feito principalmente a pé, seguindo roteiro determinado²³

As comitivas dos esmoladores fazem parte integrante das devoções, embora comecem muito antes das festividades em Bragança. Estas são compostas de doze integrantes atuando dentro das funções de: rezadores, contra-altos, tamboreiros, carregadores do Santo e das Bandeiras. A comitiva também tem uma hierarquia de cargos que é coordenada pelo Encarregado²⁴. Esta é uma figura de grande importância naquele contexto.

São três as comitivas que serpenteiam por toda a microrregião bragantina. Cada uma das comissões passa por diferenciadas paragens de Bragança. Uma Comitiva de São Benedito é a das Praias que circula pelo litoral do município e regiões vizinhas, agora indo até a cidade de Carutapera da Praia no Maranhão²⁵, nas

²³ SILVA, Dário B. R. Nonato da. Esmolação de São Benedito de 2012 começa. In: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/04/esmolacao-de-sao-benedito-de-2012.html>. Acessado em 11/09/2015.

²⁴ SILVA, Dário B. R. Nonato da. Esmolação de São Benedito de 2012 começa. In: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/04/esmolacao-de-sao-benedito-de-2012.html>. Acessado em 11/09/2015.

²⁵ A distância em linha reta entre Bragança (Pará) e Carutapera (Maranhão) é 87.47 km, mas a distância de condução é 241 km. Leva 3 horas e 38 min. de condução para ir de Bragança a

regiões leste, norte e nordeste. Outra é a comitiva dos Campos que se desloca entre os limites dos municípios de Tracuateua e Bragança, em direção ao oeste e noroeste. A última comitiva de São Benedito é a das Colônias que caminha pelo sudeste e sudoeste do município²⁶.

O deslocamento das comitivas é feito a pé. No ano de 2012 as comitivas saíram em 14 de abril e a Comitiva das Praias terminou sua jornada com a tradicional Procissão Fluvial²⁷ no dia 08 de dezembro:

No início de dezembro, as duas imagens do Santo, a das colônias e dos campos já chegaram à cidade. A última chega pelo rio, conferindo importância e forte sentimento religioso (...) Cada comissão tem data pré-estabelecida para chegar ao município de Bragança, à Igreja de São Benedito e dar continuidade ao ritual²⁸

É um total de oito meses, circulando pelas estradas, fazendas, praia e rios. Atravessando propriedades, cidades, rios com o auxílio de botes e barcos que às vezes promesseiros gentilmente oferecem para o deslocamento. Permanecendo distante de casa por todo este tempo, exceção feita por ocasiões esporádicas que cada um tem direito de viajar até os seus, não passando de cinco dias.

Carutapera. Disponível em: <http://br.distanciacidades.com/distancia-de-braganca-a-carutapera>. Acessado em: 14/08/2015.

²⁶FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam, pés que dançam**: Memória e identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: Eduepa, 2011, p.65.

²⁷ SILVA, **Dário B. R.** Nonato da. Programação da Festividade de São Benedito de Bragança, ano 2013. Em: <http://www.bragafest.com/index2.php?pg=noticia&id=2061>. Acessado em: 11/08/2015.

²⁸CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A festa do “Santo Preto”**: Tradição e percepção da marujada bragantina. 2010. 166f. Dissertação (mestrado) Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília – UNB – Brasília, p.94.

Quando o seu Careca me contou algumas histórias de São Benedito fui percebendo um aspecto que não tinha ouvido. Os donativos e as refeições servidas aos esmoladores que eram mencionados nas histórias de São Benedito variavam conforme a região. Seu Careca me confirmou:

Não, é assim, porque são três comitivas, a comitiva do Santo da praia, beira às praias. E realmente lá tem muito peixes. Muito pescador e tudo. Então àquela história que eles comem muitos peixes na devoção e tudo. A Comitiva dos Campos é beira Campo. O povo cria muito pato na beira do campo. A galinha caipira, mas pato é foco maior. E na Comitiva daqui da Colônia, qual é foco maior é a galinha caipira, que eles criam muito, e também gostam do feijão da Colônia. Então são assim são histórias que contam, relacionando com as comitivas²⁹

Desta maneira, as histórias de São Benedito vão ganhando especificidades dentro de uma cartografia bem alinhavada na mente de promesseiros e esmoladores. No Teatro Museu da Marujada de São Benedito de Bragança pode ser verificada as coordenadas da ação do Santo, a partir do conteúdo das histórias que são homologadas por Encarregados que as fazem chegar das regiões de Bragança. As histórias da praia geralmente fazem referências a peixes da região. Na verdade, o seu Careca aludiu a um promesseiro que, em vez de dar os patos prometidos, deu peixes em uma ocasião. E como reprimenda a este fato o “Santo deitou”. O Santo deitou na mesa e depois no altar, indicando que a promessa não tinha sido cumprida.

²⁹ CARECA. Entrevista. Bragança, 28/06/2013.

Isto reforça um convencimento de que é absolutamente necessário conhecer promesseiros e Encarregados, atores e narradores das histórias de São Benedito na Região de Bragança. Esta passou a ser a tarefa que busquei me concentrar. Encontrar pelas colônias, campos e praias aqueles eram os “*narradores de São Benedito*”.

Quando fui conversar com o seu Batista, Encarregado da Comitiva de São Benedito das Colônias em um dos Ramais do Município de Tracuateua, aconteceu uma situação muito interessante. Era um dos poucos momentos de descanso para a comitiva. Não queria atrapalhar seus instantes de lazer. Por isto, perguntei-lhe se podia entrevistar um dos rapazes sobre as histórias de São Benedito. E para a minha surpresa, seu Batista interrompeu seu repouso para conversar comigo. Foi ali que confirmei que existiam os detentores do conhecimento daquelas narrativas³⁰. O seu Batista era um dos portadores de São Benedito. Bem que poderia ser um dos “donos de São Benedito”³¹. Neste contexto o seu Batista falou-me da hagiografia nos termos oficiais, relacionando-a de maneira clara à tradição de esmolado, dizendo:

Aí ali ele ia levando a bandeja coberta com o manto. Aí o padre disse: Benedito para aí, o que você vai levando aí. Ah, padre eu vou levando flores para o altar do Santo. Aí o padre olhou o manto, e era flores. Quando chegou lá as flores viraram comida. Por sinal, até hoje há muita criança atrás de São Benedito. E aí as pessoas querem ralar com as crianças. “o rapaz não, porque as crianças são do começo de São Benedito”! Ele fez a primeira caridade com as crianças. As

³⁰ BRANDÃO apud PEREIRA, Luizmar Paulo. **Os giros do sagrado:** Um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011, p.101.

³¹ SILVA, [Dário B. R.](#) Nonato da. **Os Donos de São Benedito:** Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. 2006. 202f. Dissertação (mestrado em História Social) Centro de Filosofia e Ciências humanas – UFPA – Belém, p.167.

vezes a gente chega numa casa e tem uma mesa para a crianças. Tem menino a beça, mas também muita menina. Então quando a gente chega nas casas, a família mata o boi, mata o porco. Olha só de porco. Quantos porcos já foram? [perguntou em voz alta] Noventa e três porcos foi morto. Então é nesta caminhada. Fora os bicos de criação, Boi foi bem uns quatro. Bicos é galinha, é galo, é pato, peru. Dá muito para gente aí. Então aonde vai é aquela festa, porque o povo vai também. Aí a gente chega lá, e é gente, aquele montão de gente, porque tem comida também. Aí dono da casa faz um banquete pra nós primeiro, e aí a depois pro pessoal. Pro pessoal todinho que vem acompanhando, para assistir a ladainha. Aí quando a gente chega na casa. A gente faz a “chegada”, a gente chega na casa, vai jogando a bandeira, veste uma roupa. Os três que chegaram, foram os da bandeira, e o do meio, tem um contra-alto de baixo da bandeira e o da folia, batendo tambor, os detrás acompanhando. Então a que vai levando [o Santo] é a promesseira da casa e vai entregar o Santo para a promesseira da outra casa³²

O seu Batista tem o conhecimento da hagiografia de São Benedito. Sabe a história do milagre dos pães que se converteram em rosas. Mas rapidamente a relaciona ao contexto da folia, do movimento de meninos e meninas que vão atrás da comitiva ouvindo as músicas, acompanhando a ladainhas de São Benedito. Ele se sente como aqueles guardiões “do tesouro espiritual da comunidade, a tradição”³³. Por isto quer zelar pela narrativa:

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma. Tendência

³² BATISTA. Entrevista. Tracuateua, 26/10/2013.

³³ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 82.

comum dos narradores é começar a exposição das circunstâncias em que assistiu ao episódio: ‘certa vez, ia andando por um caminho quando...’. Isso quando o conta como não diretamente vivido por ele³⁴

Muitas das histórias de São Benedito aconteceram na sua frente. Sente-se implicado visceralmente aos acontecimentos mencionados. Assim, o contar e o narrar sobre o Santo são suas tarefas.

As histórias de São Benedito estão relacionadas aos acontecimentos que se dão na esmolação. Dentro das devoções beneditinas de Bragança as comitivas são centrais. Em outros contextos acontecem: as marujadas, os almoços dos juízes, as missas campais e a procissão de São Benedito. Todavia, para se saber as histórias “verídicas” que o Santo faz em Bragança, tem que seguir o itinerário desde as comitivas dos Santos. Para saber o que São Benedito faz nas colônias, tem que se gastar tempo ouvindo seu Batista, contando o que o Santo fez dia a dia na vida das pessoas durante a caminhada.

São Benedito é o Santo das Colônias. A chegada das Comitivas das Colônias envolve as festanças. Promesseiros se esmeram para poder receber bem a comitiva e o povo que vem com ela pelo caminho. As festas são grandiosas: “Noventa e três porcos foi morto (...) Fora os bicos de criação...”. As comitivas chegam à casa da promessa de maneira cerimoniosa, sem esquecer-se de nenhum dos detalhes. É momento solene, momento de ladainhas civis³⁵: “A gente faz a ‘chegada’, a gente chega na casa, vai jogando a bandeira, veste uma roupa.” A formação da comitiva é cuidadosamente elaborada. As pessoas se emocionam. Percebe-se que há um sentimento no ar. O Santo na mão da promessa só tem apenas mais alguns

³⁴ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 88.

³⁵ MAUÉS, Raymundo Herardo. Op. Cit, p.55.

instantes de carinho quando é entregue a nova anfitriã. Mas deve servir de alerta que, com a chegada do Santo, a casa passa a ser sua morada³⁶.

Há todo um tratamento especial da parte do povo para aqueles que fazem parte da Comitiva de São Benedito. A comitiva é acomodada no lar dos promesseiros. Após a chegada com as indumentárias apropriadas, são servidos de um café para o pronto restabelecimento da caminha. Em seguida são encaminhados para tomarem seus banhos. Quando chega às dezoito horas eles rezam a Ave-Maria. A Ave-Maria é todo dia! Só então podem descansar um pouco. Às dezenove horas o dono da casa chama o Encarregado e avisa que o jantar está pronto. Neste momento seu Batista bate o tambor. Todos se colocam em alerta. Lembra a prontidão dos militares. Eles se põem a agradecer:

Quando a gente chega aí faz a oração. Aí faz aquela oração de agradecimento. Aquela oração de primeira que vamos nos servir. Aí chega o dono da casa, aí agradece, né? Quando acaba aquela Janta para nós, nós agradecemos. Aí nós agradece ele. Aí damos um passo pra frente do Santo. Pega uma tambor e vamos agradecer também pro Santo. Porque estamos bebendo e comendo por intermédio do Santo. Porque nós acompanhamos o Santo. Porque a gente fica conhecido por causa do Santo. Onde quer que a gente tem que chegar, o povo diz: “oh, seu Batista”. Mas nós anda por intermédio do Santo. Então é o nosso chefe, nosso patrão...³⁷

Em toda a trajetória os esmoladores são vistos como a representação viva do Santo, assim como menciona uma história de São Benedito que ouvi na cidade:

³⁶ PEREIRA, Luizmar Paulo. Op. Cit, p.155.

³⁷ BATISTA. Entrevista. Tracuateua, 26/10/2013.

É histórias assim. Eu era criança. Eu morava no interior. Eu era criança. Devia ter uns 7 a 8 anos. A minha tia, irmã do meu pai contou para nós assim:

Era essa época, junho, outubro, setembro por aí assim. **São Benedito estava nas suas andanças, como eles dizem, de esmolação. Ele segue pelo interior angariando...** E quando um senhor, aliás uma família ia saindo pro trabalho da roça. E a esposa ouviu os tambores de São Benedito. E ela disse para o esposo dela assim: Olha vêm. A comitiva de São Benedito vem aí, vamos esperar pra ele vir aqui em casa, para fazer a ladainha. Ele foi e disse assim para ela: “ele vem e leva o meu dinheiro, e eu vou ficar atrasado no meu serviço. Ele não vai me ajudar a capinar minha roça. E foram embora. Não ficaram como ela queria, que São Benedito entrasse e fizesse a reza dele lá, e tal. E depois que ele saísse. Então eles iriam por roçado. Foram embora. Passaram o dia no roçado. Aí depois por uma volta das 3 horas da tarde, eles olharam na direção da casa que eles moravam. E viram aquele fumacero. Aquele fumacero, aquele fumacero!! Ai mulher disse: marido aquele fumacero é lá pelo lado da nossa casa. Que nada mulher, é gente que está queimando o roçado por aí. Conclusão da história: quando ele chegou lá a casa dele está só o pó. Tinha queimado tudo. Não sobrou nada!! (negritos meus)³⁸

Em várias histórias que eu ouvi referiam-se as comitivas dos esmoladores como sendo “o próprio São Benedito”, como se realmente encarnassem o Santo para os promesseiros. As comitivas em suas jornadas possibilitam que as imagens peregrinas cheguem mais próximas do povo de Bragança. Assim promesseiros passam o ano inteiro, ansiosos pela chegada do Santo. Cuidam de todos os aspectos para que, quando da chegada do Santo, tudo esteja preparado. São Benedito é o verdadeiro hóspede dos bragantinos.

³⁸ MARIA JOSÉ. Entrevista. Bragança, 15/06/2013

Seria de grande ajuda neste espaço a disposição, fazer algumas considerações sobre o universo amazônico, sobre o cotidiano ameríndio, como também do ribeirinho e do caboclo que se vê interrompido por consciências interferentes. A interveniência das consciências alternativas não sofre a ação de “marcos regulatórios”, tais como “dimensões natural, cultural e sobrenatural, mas é orientada por um fluxo transformacional”³⁹.

Isto apontaria para uma “cosmologia complexa” dos povos amazônicos, porosa, que permite que se trasladem às diversas dimensões, mostrando-se como zonas borradas em que a pajelança e as práticas católicas se interajam de modo a acontecer o que Raymundo Heraldo Maués chamou de “homologia entre santos e encantados”⁴⁰. Sendo uma cosmologia inclusiva, que aloca todas as representações do catolicismo popular e da encantaria regional dentro de um mesmo universo simbólico. Estas habitam lugares diferentes, mas com poder e propósitos coincidentes⁴¹. Assim, não haveria estranheza alguma em perceber que São Benedito fosse interpretado como humano. Este é um ato de se colocar em situação de perspectiva, mormente em ambiente fronteiroço, como condição à produção de

³⁹ CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. In: **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosacnaify, 2011, p.345-399. Id. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena: o que nos faz pensar*. N. 018, setembro de 2004. In: http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/perspectivismo_e_multipluralismo_na_america_indigena/n18EduardoViveiros.pdf. Acessado em: 25/11/2012, p. 225-254; WAWZYNIAK, João Valentin. *Humanos e não-humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do Rio Tapajós – Pará*. **Mediações**, Londrina, v. 17, n.1, p. 17-32. Jan/jun. 2012, p.18-32; e MAUÉS, Raymundo Heraldo. *O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmogologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia*. **Mediações**, Londrina, v.17, n. 1, p. 33-61. Jan/jun. 2012, p.33-61. SANT’ANNA, Elcio. Op. Cit, p.45.

⁴⁰ MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas**, p. 214.

⁴¹ Id. *Ibidem*. Loc. Cit.

significado onde podem ser lidas as imagens de São Benedito completamente humanas na perspectiva em que os bragantinos se colocam⁴².

Posta está a “cosmologia complexa” dos povos amazônicos. Então não há aqui a necessidade de se rediscutir a objeção à “filosofia dos materiais” de Bruno Latour⁴³. Se a homologia entre santos e encantados na microrregião bragantina pode ser percebida pela etnografia entre os narradores de São Benedito como sendo “transformativa”⁴⁴, então não é necessário discutir a ação e a agência de imagem de São Benedito.

Há, porém, um elemento da teoria de Bruno Latour que deve ser pinçado. Latour diz que nos textos o agir dos objetos é expandido em relação aos limites concedidos pela tal filosofia. Os “objetos como entidades textuais” podem muito mais que o pensado pelos “sociólogos do social”⁴⁵. Todavia, não gasta tempo em informar seu leitor que propriedades os textos teriam para dar esta liberdade para os objetos. Os textos teriam as mesmas qualidades já mencionadas aqui por Ecléa Bosi: “A narração é uma forma artesanal de comunicação (...) Investe sobre o objeto e o transforma”. As narrativas, assim como os textos, têm capacidade, inclusive, para transcender a natureza das coisas mencionadas por ele. As narrativas e as histórias são célebres de produzir prosopopéias⁴⁶. Desta maneira podem conceder vidas as coisas.

E esta é exatamente a questão em tela aqui. As narrativas têm condições de revelar aspectos importantes da ação de São Benedito. Estas podem “trazer as coisas

⁴² WAWZINIAK, João Valentin. Op. Cit. p. 18; MAUÉS, Raymundo Heraldo. O perspectivismo indígena é somente indígena..., p. 33. Id. Ibidem. Os santos e o catolicismo popular; homologia entre santos e encantados. In: **Padres, Pajés, Santos e Festas**, p.165-184 e 202-215.

⁴³ LATOUR, Bruno. Op. Cit, p.126.

⁴⁴ Como na compreensão de Wawzyniak e Maués.

⁴⁵ LATOUR, Bruno. Loc. Cit.

⁴⁶ PLANO DE AULA. Língua portuguesa, utilizando figuras de linguagem. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016812.PDF>. Acessado em 29/08/2015, p. 2.

de volta a vida”⁴⁷. A começar pelo fato de as coisas (humanas e não humanas) merecerem o mesmo status. É por isto que Ingold tornou-se insistente em afirmar: “o mundo em que habitamos é composto não por objetos, mais por *coisas*”⁴⁸. Assim, podemos compreender que São Benedito na narrativa está vivo, em seu processo vital e fluxos materiais⁴⁹.

No entrelaçamento das linhas das *meshworks* da vida é que as coisas de São Benedito se dão. As comitivas de esmolação em seu itinerário, adensando dia a dia diversas histórias que vão emaranhando-se no concurso do sentimento de promesseiros, que vão sendo revelados no falar dos encarregados. De modo que as coisas vão ficando totalmente cada vez mais claras. As pessoas chegam diante da comitiva como o local em que suas histórias vão sendo apresentadas. Seus sofrimentos, suas dores. Seus pedidos e atendimentos do Santo vão sendo paulatinamente mencionados. Este é o contexto do “*parlamento dos fios*”⁵⁰. Ingold expressamente diz:

Originally, 'thing' meant a gathering of people, and a place where they would meet to resolve their affairs. As the derivation of the word suggests, every thing is a parliament of lines. [Originalmente, "coisa" significou um ajuntamento de pessoas, e um lugar onde eles iriam se reunir para resolver os seus assuntos. Como a derivação da palavra sugere, cada coisa é um parlamento de linhas.] (tradução minha)

⁴⁷ INGOLD, Tim. Op. Cit, p. 41.

⁴⁸ Id. Ibidem, p.25.

⁴⁹ Id. Ibidem, p.28.

⁵⁰ INGOLD, Tim. **Lines: A brief history**. London: Routledge, 2007. Disponível em: <https://taskscape.files.wordpress.com/2011/03/lines-a-brief-history.pdf>. Acessado em: 16/06/2016, p.

Eis um fato fácil de notar quando se está caminhando com a Comitiva de Esmolação de São Benedito nas Colônias. Seu serpentear em um emaranhado. As histórias mencionadas nela formam uma malha de contos de São Benedito.

Em conversas com seu José Honório⁵¹, fique sabendo que o trajeto da Comissão de São Benedito das Praias é excessivamente difícil. Se os rastros da comitiva fossem colocados na forma de fios ou linhas se mostrariam emaranhados:

Eu: Onde a Comitiva começa e até aonde ela vai?

Seu José Honório: Quando eu trabalhava a gente ia até Viseu⁵². Já ouviu falar da cidade de Viseu, Já? Agora eles vão até a cidade de Carutapera da Praia, Maranhão. Vão aqui, como eu te falei. Sai de lá de Bragança, vem aqui, aí vai até a Ilha das Pedras. Abaixo, no mesmo rio, no mesmo dia. Aí de lá, a gente faz duas noites. Aí a gente atravessa a Ponta do Urumamjó, Vila Nova. Aí daí pra faz quatro noites. Aí pega o barco e aí vai para Ajuruteua. Faz três noites na Ajuruteua daqui. Faz três noites na praia do banho de lá. Quando termina este trabalho de lá, aí pega o barco e vem para o Perimirim. Passa quatro noites em uma Vila de Perimirim. Só vai de quando vai daqui de Vila Nova, não entra lá pro Rio não porque é um ramal que tem na beira do rio de Novo. Depois que passa estas quatro noites no Pirimirim, aí vem para o Sarnambi. Aí faz duas noites. De lá atravessa, e vai por terra pra praia de Tucumbia. Terminando

⁵¹ O seu José Honório, pelo que ele se lembra, foi vinte e quatro anos Encarregado da comissão das praias. Mais quatro anos como rezador e como imediato de Encarregado outros quatro anos, perfazendo 32 anos antes de mudar para a comitiva das colônias.

⁵² A distância em linha reta entre Viseu e Bragança (ambas no Pará) é 73,51 km, mas a distância de condução é 95 km. Leva 1 hora e 21 min. de condução para ir de Bragança a Viseu. Disponível em: <http://br.distanciadas.com/distancia-de-viseu-a-braganca>. Acessado em: 14/08/2015.

este trabalho lá, vai pro Apeú, Apeú Grande, para Cachoeira de Salvador. E o nome da paria de lá. Aí faz três noites, sai do Apeú, vai para Caratateua. Ali é praia. De primeiro, desde quando eu comecei a viajar por lá era praia. Agora do lado daqui terra, é terra firme sabe? Da Serra do... Tacupi, não sei o senhor já ouviu falar. Passava três noites. Quando acabava o pernoite lá, a gente pegava um barco, para acabava de atravessar, passava num furo, o Furo de Gato. Para atravessar para ir para Samauma, é outro povoado novo. De lá de Samauma, mais duas noites. Sai de lá direto por... péra, dez noites em... péra.

Eu: porque este lugar?

José Honório: É uma cidade muito grande o trabalho leva dez noites. Terminando o trabalho de lá, nós vamos para Viseu que outra cidade grande. Já ouviu falar de Viseu, né? A gente passa mais tempo, a gente fica dez noites, até quinze noites, por causa do tempo que a gente passa, dentro daquele prazo mesmo. É muita atividade, mas o prazo tem que ser este mesmo.

Eu: O que determina que se passe mais tempo em uma cidade?

José Honório: É o número de promesseiros. Muita gente quer receber o Santo... que pagar uns quer de dia outros quer de noite... Uns dão almoço, a gente quer que a gente fique mais, mas a gente tem prazo, tudo a gente tem que pensar, porque a gente tem que voltar para Bragança, ou povo sabe disto. Porque tem data marcada pra a gente voltá para Bragança. Dia oito de dezembro a gente tem que está em Camutá. O povo diz que até daqui para dezembro ainda falta muito tempo. Mas não se eles soubessem quanta terra ainda está aqui pra frente. Tem que dividir. A gente tem que fazer tudo isto em quinze dias. A gente tem que fazer esta média para ir chegando pra perto. E aí fica o que ficar. Dia oito de dezembro a gente tem que está em Bragança

Referências bibliográficas

BARNES, John A. Redes sociais e processo político. In: VVAA. **Antropologia das Sociedades contemporâneas**. Métodos. 2ª edição revista e ampliada.

FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). São Paulo: UNESP, 2010, p. 171-204.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A festa do “Santo Preto”**: Tradição e percepção da marujada bragantina. 2010. 166f. Dissertação (mestrado) Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília – UNB – Brasília.

FERNANDES, José Guilherme do Santos. **Pés que andam, pés que dançam**: Memória e identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: Eduepa, 2011.

GALVÃO, Eduardo. A vida religiosa do caboclo da Amazônia. In: **Boletim do Museu Nacional**. Série Antropologia, nº.15. 1953. Disponível em: http://ppgasmuseunacional.web565.kinghost.net/Boletim_MN/Boletim%20do%20Museu%20Nacional%2015.pdf. Acessado em 13/09/2013.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizonte Antropológico**. [online]. 2012, vol.18, n.37.

_____. **Lines: A brief history.** London: Routledge, 2007. Disponível em: <https://taskscape.files.wordpress.com/2011/03/lines-a-brief-history.pdf>. Acessado em: 16/06/2016.

JAUSS, Hans Robert. Estética da recepção: colocações gerais. In: Lima, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor.** Textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2002

LATOURE, Bruno. Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem. In: **Reagregando o social.** Uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc, 2012.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmogologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia. In: **Mediações**, Londrina, V.17 n.1, p. 33-61. Jan/jun. 2012.

_____. **Padres, pagés, santos e festas.** Catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.

PEREIRA, Luizmar Paulo. **Os giros do sagrado:** Um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

PLANO DE AULA. Língua portuguesa, utilizando figuras de linguagem. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016812.PDF>. Acessado em 29/08/2015.

ROCHA, João Cezar C. (Org.). **Teoria da ficção.** Indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999

SANT'ANNA, Elcio. Aos olhos de São Benedito: Conto etnográfico como exercício de perspectivação. In: **Observatório da Religião**. E-ISSN 23586087. Volume I, no. 02, agos.-dez. 2014, p. 41-58.

SILVA, Dário B. R. Nonato da. **Religião e dominação de classes**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanização no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **A essência beneditina**: escravidão e a fé na Irmandade de São Benedito de Bragança, do século XVIII ao XIX. Bragança: UFPA, 2002. (Trabalho de Conclusão de Curso em História, não Publicado).

_____. **Em 03 de setembro de 1798, assim nascia a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança**. Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2010/09/em-03-de-setembro-de-1798-assim-nascia.html>. Acessado em 13/05/2014.

_____. **História da Igreja de São Benedito em Bragança**. Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2011/09/historia-da-igreja-de-sao-benedito-em.html>. Acessado em 04/05/2014.

_____. **Os Donos de São Benedito**: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. 2006. 202f. Dissertação (mestrado em História Social) Centro de Filosofia e Ciências humanas – UFPA – Belém.

SILVA, Dário B. R. Nonato da. & SILVA, Kelly Batista da. **Bragança e a importância da sua ocupação para o desenvolvimento da colonização portuguesa na Amazônia a partir do século XVII**. Artigo. Bragança: UFPA, 2001. (Inédito).

SILVA, Dário B. R. Nonato da. **Armando Bordallo da Silva** (*03.05.1906, +04.04.1991) <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2010/05/amrmando-bordallo-da-silva-0305-1906.html>. Acessado em 13/08/2012.

SILVA, Dário B. R. Nonato da. **Ao redor dos altares**: breves reflexões sobre a religiosidade e os templos em Bragança. Disponível: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2010/09/ao-redor-dos-altares-breves-reflexoes.html>. Acessado em 08/06/2014.

_____. **Esmolação de São Benedito de 2012 começa**. <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/04/esmolacao-de-sao-benedito-de-2012.html>. Acessado em 11/09/2015.

_____. **Programação da Festividade de São Benedito de Bragança, ano 2013**. Em: <http://www.bragafest.com/index2.php?pg=noticia&id=2061>. Acessado em 11/08/2015.

SINDER, Valter. **Configurações da narrativa**. Verdade, literatura e etnografia. Madrid: Ibero americana; FRANKFURT: Veruert, 2002.

VIEIRA, Sônia Cristina A. **“É um pessoal lá de Bragança...”**: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. 2008. 95f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais, concentração de Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Sociais – UFPA – Belém.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2004. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosacnaify, 2011, p.345-399.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, n. 018, setembro de 2004. In:

http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/perspectivismo_e_multipluralismo_na_america_indigena/n18EduardoViveiros.pdf. Acessado 25/11/2012.

WAWZYNIAK, João Valentin. Humanos e não-humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do Rio Tapajós – Pará. In: **Mediações**, Londrina, v.17 n.1, p. 17-32. Jan/jun. 2012.